

TURISMO CAFEIRO: EXPERIÊNCIAS, EXPECTATIVAS E PERCEPÇÕES DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Beatriz Carvalho TAVARES¹
ORCID – 0000-0002-1501-4187
Marcello TOMÉ²
ORCID – 0000-0002-3158-9239

Recebido em 30.12.2021

Aprovado em 25.08.2022

Resumo

A produção de café no ambiente rural brasileiro atrai o interesse de públicos distintos para a realização de experiências gastronômicas e culturais. No entanto, carece de estruturação e sensibilização para a inclusão aos visitantes com deficiência, principalmente nas dimensões atitudinal, comunicacional e arquitetônica. A cegueira e a baixa visão se destacam pela maior prevalência na população brasileira, correspondendo a um importante público para o desenvolvimento de ofertas turísticas inclusivas. O presente estudo objetiva analisar as experiências, expectativas e opiniões de pessoas com deficiência visual a respeito da oferta turística acessível e acessável em fazendas produtoras de café. Fundamentada na premissa “Nada sobre nós, sem nós”, esta pesquisa se apoia na necessidade de participação e inclusão de pessoas com deficiência em quaisquer ações pensadas ou realizadas sobre elas. Como método, caracteriza-se como qualitativa, exploratória e de cunho etnográfico, utilizando a coleta de dados primários por meio da etnografia online. Os principais resultados apontam o interesse das pessoas com deficiência visual no usufruto das experiências e aprendizados relacionados ao café, sem a demanda de modificações estruturais ou adaptações de equipamentos e mobiliários para uso exclusivo. Para os respondentes, é desejado somente a verdadeira inclusão, pautada não apenas na acessibilidade, mas no desenho universal, visando o turismo para todos.

Palavras-chave: Inclusão. Deficiência visual. Fazendas de café. Turismo acessível.

COFFEE TOURISM: EXPERIENCES, EXPECTATIONS AND

¹Mestra em Turismo (PPGTUR-UFF). Doutoranda em Geografia na Universidade Federal do Paraná, Brasil. tavaresbeatriz@id.uff.br

²Doutor em Geografia (PPGGEO-UFF). Docente do Programa de Pós-Graduação em Turismo e do Departamento de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense, Brasil. marcellotome@id.uff.br

PERCEPTIONS OF VISUALLY IMPAIRED PEOPLE

Abstract

Coffee production in Brazilian rural areas attracts the interest of different audiences for gastronomic and cultural experiences. However, it lacks structuring and awareness for the inclusion of visitors with disabilities, especially in the attitudinal, communicational, and architectural dimensions. Blindness and low vision stand out for their higher prevalence in Brazilian population, corresponding to an important audience for the development of inclusive tourist offers. The present study aims to analyze the experiences, expectations, and opinions of people with visual impairments regarding the accessible and accessible tourist offer in coffee producing farms. Based on the premise “Nothing about us, without us”, this research is based on the need for participation and inclusion of people with disabilities in any actions about them. As a method, it is characterized as qualitative, exploratory, and ethnographic, using primary data collection through online ethnography. The main results point to the desire of people with visual impairments in appreciating the experiences and learnings related to coffee, without the demand for structural changes or adaptations of equipment for exclusive use. For the respondents, only true inclusion is required, based not only on accessibility, but on universal design, aiming for tourism for all.

Keywords: Inclusion. Visual impairment. Coffee farms. Accessible tourism.

1. INTRODUÇÃO

Dentre as diversas manifestações que o turismo pode proporcionar, o segmento rural é o que costuma apresentar oferta de equipamentos e serviços mais simplificados, oportunizando vivências conectadas com a natureza, o cotidiano campesino e as atividades agropecuárias locais (SOLLA, 2018). No contexto da cafeicultura, sua importância econômica e sociocultural do país como principal produtor mundial evidencia a ressignificação do produto e das regiões produtoras como atrativos turísticos (ANDRADE; MOSS, 2012; ANDRADE *et al.*, 2015). Com isso, no que tange a relação turismo e café em espaços rurais, o contato com novos territórios e identidades ocorre por experiências que unifiquem lazer e aprendizado em propriedades cafeicultoras (ANDRADE *et al.*, 2015; TAVARES *et al.*, 2021).

Panosso Netto e Ansarah (2009) apontam a distinção dos grupos, viabilidade mercadológica e potencial sustentável como principais fatores para a consolidação de novos segmentos de mercado, reforçados pelo desenvolvimento de experiências atrativas a novas tendências e públicos. No entanto, a demanda por estas atividades pode extrapolar o interesse, evidenciando, necessidades para sua realização por pessoas com deficiência

ou mobilidade reduzida, famílias com crianças ou idosos, entre outros (BORDA; DUARTE; SERPA, 2013).

O turismo acessível possibilita motivar a inclusão social por meio da ampliação do acesso ao consumo, produção e usufruto de locais turísticos existentes (SCHEYVENS; BIDDULPH, 2017; DUARTE; OLIVEIRA, 2018). Desse modo, as atividades turísticas acessíveis e inclusivas às pessoas com deficiências ganham visibilidade à medida que paradigmas capacitistas³ são rompidos e se compreendem que todos os indivíduos têm direito ao lazer e interesse por novas culturas, experiências e lugares (ANDRADE; ALVES, 2011). Para isso, é de ampla relevância a proposição de espaços físicos acessíveis e acessáveis, comunicação possível e recursos humanos capacitados (DUARTE; BORDA, 2013; SASSAKI, 2009).

Scheyvens e Biddulph (2017) apontam que uma abordagem inclusiva para o turismo pode se beneficiar da estruturação a partir das potencialidades de distintas áreas. Em ambientes rurais, como é o caso da atual pesquisa, as estruturas carecem de organização e adequação aos diferentes públicos. O turismo acessível deve ser pensado não apenas como um setor fragmentado do turismo, mas como uma ordenação que viabilize a realização da atividade turística em diferentes segmentos como o turismo rural, o ecoturismo, o turismo de base comunitária, entre outros (BORDA; DUARTE; SERPA, 2013; DUARTE; OLIVEIRA, 2018; BIANCHI *et al.*, 2020; GIRAUD; DI LORETO; TIXIER, 2020).

No contexto urbano, é mais comum o investimento em infraestrutura acessível em grandes centros urbanos, não apenas aspirando a atividade turística, mas também para atender às necessidades da própria população (GUGLIELMI *et al.*, 2021; RODRIGUES *et al.*, 2021). Rodrigues *et al.* (2021) refletem a respeito do turismo e hospitalidade urbana, para pessoas com deficiência visual e motora, na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul. De acordo com os autores, a percepção da hospitalidade urbana pelos respondentes cegos da pesquisa, todos participantes do Encontro Olho de Sogra⁴, é orientada pelo acolhimento e possibilidade de envolvimento com o patrimônio histórico e

³ Paradigmas capacitistas podem ser considerados quaisquer pensamentos e comportamentos depreciativos a respeito da capacidade dos indivíduos com deficiência (AMORIM *et al.*, 2021).

⁴ O Encontro Olho de Sogra é uma iniciativa de educação patrimonial na cidade de Pelotas desenvolvida integralmente por uma pessoa cega e para o usufruto por outras pessoas com deficiência visual por meio de atividades que exploram os diferentes sentidos humanos (RODRIGUES *et al.*, 2021).

cultural da cidade. Os dois exemplos citados apontam a prática do turismo para diferentes deficiências, refletindo sobre as adequações realizadas e as percepções dos indivíduos sobre sua prática. Em particular, as pessoas com deficiência visual foram escolhidas como sujeitos da pesquisa por representarem o perfil de deficiência mais presente na população brasileira (IBGE, 2011).

O presente estudo configura uma pesquisa preliminar a respeito do potencial da atividade turística associada à produção cafeeira como lazer inclusivo, visando responder, neste momento: Quais são as principais expectativas e demandas de pessoas com deficiência visual quanto a acessibilidade no contexto do turismo cafeeiro? Dessa forma, objetiva-se analisar as experiências, expectativas e opiniões de pessoas com deficiência visual a respeito da oferta turística acessível e acessável em fazendas produtoras de café. Fundamentada na premissa “Nada sobre nós, sem nós”, esta pesquisa se apoia na necessidade de participação e inclusão de pessoas com deficiência em quaisquer ações pensadas ou realizadas sobre elas (SASSAKI, 2007).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A cultura cafeeira no país evidencia grande diversidade de experiências possíveis no contexto de produção, processamento, comercialização e consumo do fruto e da bebida. Com isso, a produção de café passa a apresentar, além do valor de venda enquanto gênero agrícola, também um potencial atrativo de visitantes, refletindo a necessidade de estruturação e organização de um segmento turístico que valorize a diversidade de regiões produtoras brasileiras e suas particularidades (ANDRADE; MOSS, 2012; SETIYORINI, 2018; LEEWELLYN; PALUPI, 2020; TAVARES, 2022a).

Sua realização apresenta eficaz potencial como estratégia de diversificação para motivação de turistas, residentes e produtores em termos de técnicas agrícolas, cultura e patrimônio (KLEIDAS; JOLLIFFE, 2010). Desta forma, a experiência turística em torno do café pode ser didática e interativa ao ensinar ao visitante informações sobre o manejo da terra, maturidade de frutos no pé, diferentes formas de processamento dos grãos crus,

técnicas de torra, extração e degustação profissionais por meio de cuppings⁵ (LEEWELLYN; PALUPI, 2020).

O turismo de cafés, ou turismo cafeeiro é o resultado da integração de experiências características de segmentos como turismo cultural, gastronômico e rural (TAVARES *et al.*, 2021). Este pode se manifestar também no contexto urbano de países consumidores e produtores, envolvendo visitas a cafeterias, torrefações, restaurantes especializados, museus, espaços de memória, centros de pesquisa e outros. No entanto, optou-se por ressaltar neste trabalho apenas a particularidade da experiência rural presente na visitação de plantações de café e interação com os produtores em regiões especializadas (KLEIDAS; JOLLIFFE, 2010; TAVARES, 2022a).

A ligação entre o turismo e agricultura, mediada pelo ambiente rural, pode ser considerada parte do ambiente cultural, histórico, natural e social de um lugar para construção da marca de destino atraente para um país, promovida também por meio da idealização do distanciamento das atividades urbanas e do escapismo da cidade (TUAN, 1990, 2003). Suas particularidades evidenciam características da comensalidade e da acolhida rural, com maior expressão da hospitalidade privada e doméstica, a partir da recepção mais próxima e afetuosa, bem como a alimentação caseira e mais natural, ou seja, com uso menor de alimentos ultra processados, conforme afirmado por Carvalho (2015, p. 314) “um símbolo bastante característico da hospitalidade rural é a oferta gastronômica de produtos caseiros e artesanais como doces, bolos, chás, café, biscoitos, sucos naturais, entre outros”.

Ademais, a consolidação do segmento do turismo de cafés, assim como quaisquer outros novos segmentos de mercado, deve ser acompanhada de uma criteriosa construção que evidencie o potencial consumidor destas experiências, sua viabilidade econômica e sua potencialidade social para o contexto local (PANOSSO NETTO; ANSARAH, 2009). No entanto, delinear o potencial público consumidor não significa restringir sua prática para públicos específicos e, muito menos, privar indivíduos da realização e vivência de experiências devido as suas particularidades de gênero, etnia, orientação sexual, manifestação religiosa, deficiência ou outros (DUARTE; OLIVEIRA, 2018).

⁵ Procedimento de degustação profissional e análise sensorial do café a partir de protocolo desenvolvido pela Specialty Coffee Association of America (SCAA, 2008).

Apesar da dissonância com a atual realidade, a acessibilidade e a inclusão são e devem ser elementos primordiais e intrínsecos à realização de qualquer atividade direcionada ao turismo, eventos ou alimentação (MICHOPPOULOU *et al.*, 2009; SCHEYVENS; BIDDULPH, 2018; RODRIGUES *et al.*, 2021). Desta forma, o acesso às atividades relacionadas ao meio rural deve se tornar amplo e generalizado, visto que a hospitalidade e o acolhimento, tanto no meio urbano quanto no rural, não pode ser pensada desconectada da inclusão e acessibilidade a todos os públicos, independentemente de suas características pessoais e possíveis limitações (CLOQUET *et al.*, 2018; DUARTE; OLIVEIRA, 2018; BIANCHI *et al.*, 2020; DE LA FUENTE-ROBLES *et al.*, 2020; GIRAUD; DI LORETO; TIXIER, 2020; GUILLOCK; MACINTOSH, 2020; RODRIGUES *et al.*, 2021).

Em concordância aos aspectos supracitados, o desenho universal é um conceito pensado para a adequação e a acessibilização de todos os espaços. Proposto na Norma Brasileira (NBR) 9050, este conceito é associado a alterações referentes à acessibilidade arquitetônica, fundamentada nas proposições de Sasaki (2007), incorporadas à Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015). Nesta, define-se a acessibilidade como:

Possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015, p.2).

Em complemento à discussão, o conceito de inclusão, também proposto por Sasaki (2009), pressupõe a adequação dos sistemas sociais comuns a toda diversidade humana, atribuindo a todos o papel de formular e executar as adequações necessárias. A partir disso, o autor delineou seis dimensões de acesso necessárias para a acessibilidade e inclusão: a) arquitetônica (ausência de barreiras físicas), b) comunicacional (comunicação plena entre as pessoas), c) metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação e outros), d) instrumental (presença de instrumentos, ferramentas e utensílios adequados à todos), e) programática (adequação de políticas públicas, legislações e normas) e f) atitudinal (ausência de preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para com as pessoas que têm deficiência) (SASSAKI, 2009). A verdadeira inclusão demanda também que as estruturas sejam acessíveis, isto é, com oferta disponível e possibilidade de uso das adaptações acessíveis.

Desse modo, o turismo acessível se destaca pelo seu potencial motivador de inclusão social, visando atender todas as pessoas em suas atividades, combatendo isolamento e segregação sociais das pessoas com deficiência por meio do acesso à cultura, lazer, diversão e entretenimento (KASTENHOLZ; EUSÉBIO; FIGUEIREDO, 2015), tanto no ambiente urbano quanto no rural (CLOQUET *et al.*, 2018; DUARTE; OLIVEIRA, 2018; BIANCHI *et al.*, 2020; DE LA FUENTE-ROBLES *et al.*, 2020; GIRAUD; DI LORETO; TIXIER, 2020; GUILLOVIC; MACINTOSH, 2020; RODRIGUES *et al.*, 2021).

Como já foi destacado, os sujeitos da pesquisa foram pessoas com deficiência visual. Para definir esta escolha, foi levada em consideração a prevalência desta deficiência na população brasileira, uma vez que, de acordo com as informações apresentadas no Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010, 18,8% das deficiências relatadas são referentes à visão (IBGE, 2011). Assim como afirmado por Tomé (2014, p. 369) “a deficiência visual não engloba exclusivamente quem é considerado cego, mas também quem possui baixa capacidade visual, ou seja, os indivíduos considerados de baixa visão.”. Sendo assim, é possível considerar a deficiência visual como a perda total ou parcial significativa da capacidade visual em ambos os olhos, de forma permanente, não podendo ter sua acuidade visual melhorada por meio do uso de lentes e tratamento clínico ou cirúrgico.

3. METODOLOGIA

A pesquisa tem caráter qualitativo e se caracteriza como exploratória e de cunho etnográfico (MERCADO, 2012). O caráter exploratório é apontado como fundamental para a investigação de conceitos basilares para o aprimoramento de ideias e familiarização com o problema estudado, adequando-se ao seu caráter de fenômeno social por meio da abordagem qualitativa (GIL, 2008). As ferramentas etnográficas utilizadas para realização do estudo foram mediadas pelo contato *online* (HINE, 2000; MERCADO, 2012), utilizando a coleta de relatos de experiência e vivências de participantes de uma comunidade virtual no aplicativo *WhatsApp*. O informante responsável pela coleta dos dados primários é membro deste grupo e atuou como importante sujeito no convite e encorajamento à

participação dos indivíduos por meio do envio de arquivos de áudio contendo impressões pessoais sobre o turismo associado à produção cafeeira.

Em caráter complementar, foram utilizadas fontes secundárias de pesquisa bibliográfica em periódicos nacionais e internacionais, bem como pesquisa documental em relatórios e documentos oficiais, tanto para conceituação do turismo de cafés quanto para estruturação de uma experiência rural singular para pessoas com deficiência visual.

O universo de pesquisa correspondeu a uma comunidade virtual destinada a reuniões e debates temáticos diários entre pessoas com deficiência visual de países lusófonos. A comunicação e coleta de dados ocorreu no encaminhamento do problema do estudo, norteando e estimulando o debate a partir da seguinte pergunta: “Quais são as principais expectativas e demandas de pessoas com deficiência visual quanto à acessibilidade no contexto do turismo de cafés?”. Os participantes foram instruídos sobre a finalidade da pesquisa e orientados sobre o caráter facultativo da participação no debate, consentindo com a utilização dos áudios após seu envio ao informante mediador. A atividade foi realizada no dia 14 de abril, conhecido como Dia Internacional do Café, escolhido buscando ampliar a visibilidade da temática para incentivar o debate e engajamento do maior número de participantes.

Entre os participantes, envolveram-se com o debate cinco respondentes, dentre os quais, três mulheres e dois homens, todos acima dos quarenta anos, com diferentes profissões e com perda de visão total congênita ou adquirida em diferentes momentos da vida. Cabe destacar que pesquisas qualitativas e de caráter etnográfico como esta não demandam a necessidade em dispor de grande número de respondentes, mas na obtenção de respostas mais aprofundadas e que auxiliem no alcance dos objetivos da investigação. Ademais, a aproximação com os respondentes também foi dificultada pela realização da pesquisa durante a pandemia.

Os relatos foram transcritos com apoio do software *AmberScript* e examinados segundo a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), com suas interpretações e inferências sobre os valores, significados e símbolos presentes no discurso. A atribuição de interpretações e significados aos dados coletados seguiu as etapas desta técnica, sendo divididas em: pré-análise, onde se organizam e sistematizam as ideias iniciais; exploração do material, onde serão definidos os parâmetros para análise e interpretação, orientados pelas hipóteses e referenciais teóricos; e por fim, tratamento dos resultados, inferência e

interpretação, onde são esperados do pesquisador criatividade, intuição e crítica, além de aptidão para realizar análises contextual e histórica dos dados (THOMPSON, 1990).

Como fase inicial desta pesquisa, a pré-análise consistiu em um momento de sistematizações preliminares, contando com a escolha do documento a ser submetido para análise, a formulação de hipóteses e a elaboração de indicadores que fundamentaram a interpretação final (BARDIN, 1977). Desse modo, o debate foi conduzido objetivando promover o protagonismo das vivências, impressões e desejos dos indivíduos com deficiência.

A exploração do material é apontada por Chizzotti (2006, p. 98) como o momento de definição de parâmetros para análise e interpretação, orientados pelas hipóteses e referenciais teóricos apresentados previamente, tendo como base a descodificação do discurso, uma vez que “pode utilizar-se de diferentes procedimentos para alcançar o significado profundo das comunicações nele cifradas [...] depende do material a ser analisado, dos objetivos da pesquisa e da posição ideológica e social do analisador”. As expectativas e histórias de vida compartilhadas ratificaram seus interesses e necessidades particulares vinculados à experiência turística. Isso ressalta as particularidades presentes na vida de cada participante desta pesquisa, assim como encontrado em quaisquer indivíduos, como gênero, idade, profissão, proximidade com tecnologias, entre outros. Estes fatores são relevantes na formatação de expectativas e vivências, além de convergir em aspectos como independência e interesse por lazer e cultura (ANDRADE; ALVES, 2011).

A etapa final da análise de conteúdo, o tratamento de resultados tem como objetivo destacar todas as informações para análise, resultando nas interpretações inferenciais, momento de intuição, reflexão e crítica (BARDIN, 1977).

4. RESULTADOS

A análise dos resultados foi realizada a partir do conceito da escuta sensível, proposto por Barbier (2002), que abrange a importância da empatia do pesquisador na escuta e compreensão dos aspectos culturais, afetivos e simbólicos presentes no discurso dos pesquisados, entrevistados e respondentes. Deste modo, foram ouvidas todas as falas

compartilhadas, atentando de forma empática ao tom de voz, emoções e simbolismos presentes nas opiniões manifestadas. Posto isto, destaca-se entonação alegre em todas as falas, apresentando unanimidade no interesse pela prática do turismo de cafés.

Em seguida, foram definidas categorias para análise dos resultados, compreendendo os principais apontamentos dos respondentes em seus discursos: aprendizado, experiência gastronômica, hospitalidade, conhecimento das tradições e interação com a comunidade, tecnologias assistivas e barreiras de acesso (TAVARES, 2022a; TAVARES, 2022b). O quadro 1 apresenta a conceituação das categorias de análise e possibilita dar continuidade à discussão dos resultados.

Quadro 1: Categorias de análise de experiências, expectativas e percepções com o turismo de cafés acessível

Categorias	Definição
Aprendizado	Realização de atividades didáticas relacionadas às características da produção e das propriedades, reunindo desde estruturas arquitetônicas e história produtiva até cursos sobre sistemas agrícolas, plantio, beneficiamento, torra e degustação do café
Experiências sensoriais gastronômicas	Realização de atividades que explorassem novidades sensoriais e consumo de preparações culinárias tradicionais locais em conjunto com os cafés da propriedade.
Hospitalidade	Interesse no acolhimento próximo e afetivo pelas famílias produtoras
Conhecimento das tradições e interação com a comunidade	Estabelecimento de contato com culturas e realidades diferentes, possibilitando o desenvolvimento de afeto pelo lugar e proximidade com a história dos produtores
Barreiras de acesso e tecnologias assistivas	Necessidade de adaptações nos serviços ofertados visando a inclusão social das pessoas com deficiência

Fonte: Elaborado pelos autores

É possível retomar, assim como abordado no referencial teórico, a experiência do turismo de cafés a partir de sua relação com o consumo, a história, a tradição, a cultura, o ensino, o cultivo e as características do produto, o que evidencia a atração pelo ambiente rural e demanda visitas às plantações de café e às estruturas produtivas (KLEIDAS; JOLLIFFE, 2010). O estabelecimento de atividades relacionadas ao **aprendizado** de técnicas agrícolas e conhecimento da natureza, cultura e patrimônio local, atuam promovendo a motivação e interesse dos turistas que visitam fazendas de café e a região, bem como observado no discurso de uma das respondentes: “eu acho que seria legal nessa visitação de fazenda, por exemplo, se a gente aprendesse quais são as fases de plantar café. Depois os procedimentos para que se colha o café e passe por todos os procedimentos industriais do café e preparo” (Respondente 3, mulher, 2021). Isso indica

que informações sobre manejo da terra, maturidade de frutos no pé, processamento dos grãos e técnicas de torra, extração e degustação profissionais (LEEWELLYN; PALUPI, 2020; TAVARES, 2022a; TAVARES, 2022b) enriquecem as atividades promovidas nas fazendas e evidenciam seu potencial didático e interativo.

Nesse contexto, a respondente 4 afirmou ter visitado uma fazenda de café e conhecido parte do processo produtivo de maneira breve, quando viajou para a Guatemala. Já outra respondente afirmou ter vivenciado, em profundidade, a experiência cafeeira em um evento gastronômico, ocorrido na região em que residia, na Chapada Diamantina (BA), com palestras, apresentações e visitas ao plantio:

Nós ficamos hospedados numa fazenda, que também produzia café, mas eu não me senti em momento algum deficiente visual, bom, meu marido na época me descrevia aquilo que eu não via, mas a experiência foi muito interessante porque o seminário tinha uma parte discursiva e uma parte ativa que a gente ia visitar as plantações, os corredores de café e sistemas de irrigação, estavam implantando sistema de gotículas, as mangueiras com furinhos e também de pivô e tocamos nos grãos (Respondente 1, mulher, 2021).

Ademais, enfatizou a adequação da experiência ao turismo inclusivo por meio da condução e descrição de todos os espaços, paisagens e atividades, tornando viável e completa independente de sua deficiência.

A idealização apresentada pela respondente pode ser descrita, segundo Tarssanen e Kylänen (2007), pelo envolvimento da **experiência** com aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais e comportamentais como transformadores da realidade dos indivíduos. Tuan (2018) reforça também ao categorizar as experiências em passivas ou ativas, respectivamente correspondentes às vivências pessoais sem acesso público - possibilitadas pelos sentidos humanos - e vivências simplificadas distantes da sensorialidade e de baixa abstração. O autor formula ainda o neologismo *topofilia*⁶ para exemplificar o envolvimento ainda mais simbólico do indivíduo com o lugar, incluindo seus laços afetivos com as características materiais da natureza.

A associação do vínculo sensorial dos respondentes à afetividade presente na bebida como um elemento da cultura alimentar brasileira é evocada por Gimenes-Minasse (2016) em suas afirmações acerca de alimentos de conforto, identificando o café como responsável por promover a conexão entre grupos sociais em momentos de

⁶ Tem sua origem etimológica no grego *tópos+filia* e representa o afeto ou sentimento pelo lugar (TUAN, 1990).

comensalidade, bem como reforçar identidades e pertencimento a um determinado grupo. Além disso, a bebida ainda é responsável pelo estímulo sensorial em diversos aspectos, como sua cor, aroma, sabor, corpo⁷ e outros, “você vai usar todos os sentidos ao mesmo tempo: o sentido da audição, o sentido do paladar, do olfato e do tato...” (Respondente 5, homem, 2021). Sendo assim, o odor se destaca como principal característica atribuída nas experiências e rituais relacionados ao café. Esse sentido é enfatizado por Tuan (1990, p. 11) pelo seu “poder de evocar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas”, de modo que o componente aromático da bebida se destaca como fator de apreciação entre consumidores e não consumidores (ARRUDA *et al.*, 2009), conforme exemplificado pela seguinte fala extraída das transcrições: “Eu não tomo café, mas eu gosto muito do aroma: sendo feito na cafeteira, do grão moído na hora” (Respondente 1, mulher, 2021).

O paladar corresponde a uma das principais sensações utilizadas em segmentos turísticos direcionados para a gastronomia e alimentação, independente de seu produto destaque e foco rural ou urbano. Pode ser destacado por meio da degustação da própria bebida pelos visitantes, apresentando-se como uma atividade democrática ao incluir qualquer pessoa independente da presença ou não de um fator limitante como a deficiência. Ademais, a valorização destes aspectos sensoriais particulares em segmentos turísticos destaca o contato com a natureza e a própria produção agrícola do local, bem como dos componentes agregados na experiência rural promovida em uma fazenda produtora de café, com suas diversas formas e possibilidades, acompanhada de elementos atrativos da culinária regional como pães, bolos, biscoitos, doces e outros, “na fazenda onde ficamos, o café era acompanhado de todos os pratos típicos do café da manhã, do café da tarde e da noite.” (Respondente 1, mulher, 2021).

Ademais, a cultura do café aproxima o consumo da bebida da comensalidade e da **hospitalidade** doméstica (ARRUDA *et al.*, 2009), aproximando a acolhida rural da afetividade e da inclusão de todos os públicos, desconsiderando suas características pessoais e possíveis limitações. A respondente 1 enfatizou ainda em seu discurso a relevância do vínculo pessoal no fornecimento de informações ao visitante com deficiência visual por meio da visita guiada, apontando fatores como empatia, afetividade e

⁷A característica “corpo” corresponde à sensação de tato, presente no sensorial da bebida e responsável pela sensação de contato com boca e podendo ser descrita como aveludado, cremoso ou encorpado (PINHEIRO, 2019)

atendimento personalizado como primordiais na formação da experiência memorável, “a presença de um guia vai até [acrescentar às informações] elementos da história pessoal e identidade, é importante para quem está visitando, e muito mais para quem está explicando” (Respondente 1, mulher, 2021).

Esse ponto de vista reflete o vínculo identitário do agricultor presente em sua afetividade com a terra por meio do **conhecimento das tradições e interação com a comunidade**. Conforme apontado por Tuan (1990, p. 112), “a topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança”. A primeira respondente aponta também:

Acho que com o trabalho na terra exige não só uma aptidão, mas um histórico e o talento e um dom, um amor pelo que faz, com todas as contradições de trabalho e peso de trabalho. Uma visita guiada a uma fazenda turística de café que faz o turismo direcionado para esse setor, com a presença de um agricultor. [...] É uma mão de via dupla, é importante para quem está visitando, é importante e enriquecedor para quem está recebendo e fazendo esse trabalho de reforço da sua própria identidade (Respondente 1, mulher, 2021).

A respondente frisou ainda, enquanto historiadora e pesquisadora na área da história oral, que o protagonismo desta experiência deve ser sempre direcionado aos residentes e trabalhadores rurais, estimulando-os a construir a oferta turística a partir de suas próprias memórias, saberes e impressões sensoriais. O respondente 2 apresentou posicionamento similar, a partir do ponto de vista do próprio produtor rural, visto que experienciou, enquanto filho de colonos em fazenda de café no interior de São Paulo, as fases produtivas do café no trabalho em conjunto com a família, como é possível verificar por meio do trecho a seguir: “Eu aprendi lá desde o plantio. [...] Colhíamos, peneirávamos o café e depois levavam. A parte final nunca éramos nós que fazíamos. E assim eu vivi na cidade chamada Cafelândia e conheci a cafeicultura” (Respondente 2, homem, 2021).

Por fim, visando delinear últimas temáticas a comporem as discussões propostas neste artigo, tornam a emergir conteúdos recorrentes na temática da acessibilidade para pessoas com deficiência, como **barreiras de acesso e tecnologias assistivas**. Um dos respondentes manifesta suas impressões a respeito das barreiras presentes para estruturação de um turismo acessível no contexto cafeeiro:

Você vai usar todos os sentidos ao mesmo tempo: o sentido da audição, o sentido do paladar, do olfato e do tato... a coisa é melhor e o mais importante: quebrando a barreira atitudinal, comunicacional, metodológica, programática e ao mesmo tempo,

a barreira natural. [...] São várias barreiras que são quebradas só nesse trabalho, nesse turismo com café (Respondente 5, homem, 2021).

Deste modo, cabe ressaltar alguns apontamentos sobre o rompimento das barreiras de acesso previamente citadas. Para as barreiras metodológicas e programáticas, destacam-se a execução correta das leis que dão suporte ao turismo inclusivo, como o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Decreto 7.612, de 17 de novembro de 2011), a Lei Brasileira da Inclusão (nº 13.146, de 06 de julho de 2015), de promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida (nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000), de prioridade no atendimento às pessoas com deficiência (nº 10.048, de 8 de novembro de 2000), do ingresso de cães guia nos ambientes para auxílio de pessoas com deficiência visual (nº 11.126, de 27 de junho de 2005), bem como a NBR 9050, referente à acessibilidade arquitetônica, e a NBR 15599, referente à comunicação na prestação de serviços. Para a barreira atitudinal, estima-se que são necessárias ações de sensibilização (MATTOSO, 2019) que objetivem romper estereótipos e estigmas capacitistas, enquanto para a comunicacional, a presença de avisos impressos, comunicação direta ou intérprete de LIBRAS.

Não são abordados apontamentos específicos referentes às barreiras arquitetônicas, visto que a delimitação da população de pesquisa às pessoas com deficiência visual evidencia a redução das barreiras naturais e fatores restritivos na fruição das atividades turísticas, limitando-se ao máximo à maior atenção dos condutores e responsáveis ao caminhar pelas plantações. Ainda assim, a acessibilização dos espaços rurais possibilita a recepção, além de pessoas com diferentes tipologias de deficiência, também crianças, idosos e pessoas com mobilidade reduzida permanente e temporária (SASSAKI, 2007; DUARTE; BORDA, 2013).

Para apontar demandas e possibilidades que extrapolam as barreiras de acesso pode ser destacada a importância das tecnologias assistivas, como a audiodescrição - atividade de “traduzir imagens em palavras para que, por meio do sentido da audição, as pessoas com deficiência visual possam imaginar o que estão ouvindo” (MATTOSO, 2012, p. 50). Esta ação enriquece o processo de obtenção e captação de informações, possibilitando a formação e compreensão dos espaços em sua totalidade, não se limitando a um benefício exclusivo para as pessoas com deficiência, mas para todos que usufruem da experiência (MATTOSO, 2012; MATTOSO, 2016). O respondente 5, especialista na área da Tecnologia da Informação e consultor em tecnologias assistivas para pessoas com

deficiência visual, acrescentou ao debate pertinentes conhecimentos para valorização da comunicação inclusiva:

Quanto mais informação a pessoa com deficiência visual tiver melhor, [...] os pesquisadores indicam que a pessoa perde de 70% a 80% de dados. E o que acontece? a audiodescrição que foi feita e estão utilizando como informação, uma tecnologia assistiva para pessoas com deficiência visual, na verdade, ela é uma informação para todos, que além de você trazer a informação para a pessoa que não enxerga do que tem ali, exemplo, qual é a cor... você também vai trazer as notas, o que significa, o que é...às vezes uma palavra que não é conhecida, que a pessoa que é leiga naquele assunto acaba aprendendo (Respondente 5, homem, 2021).

Em concordância com as informações acima, cabe retomar o conceito do desenho universal, criado inicialmente em associação à modelos e estruturas arquitetônicas, mas posteriormente incorporado por meio da NBR 9050 à Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015), onde é reforçada a necessidade de promoção do alcance seguro e autônomo de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, tanto na zona urbana como na rural, por todos (BRASIL, 2015). É possível grifar ainda, no interior da lei supracitada, características como autonomia e inclusão, ainda pouco direcionadas ao foco dentro dos estudos da acessibilidade, como principais elementos de anseio das pessoas com deficiência. Podendo ser utilizados como exemplo as seguintes falas extraídas dos documentos analisados: “seria muito importante organizar excursões voltadas, seja aberto a pessoas com deficiência visual, seja a pessoas sem deficiência, com ações voltadas a todo o mundo. Sem diferença!” (Respondente 4, mulher, 2021), e ainda “queria que todos os setores fizessem a mesma coisa usando a acessibilidade para todos. Porque quando vai ver, isso vai funcionar não só para pessoas com deficiência visual, mas para todos” (Respondente 5, homem, 2021).

Foi possível perceber a partir das afirmativas dos respondentes e das análises propostas a ausência de expectativas ou interesses na estruturação de atividades restritas ou exclusivas às suas particularidades, seja enquanto pessoas cegas ou ainda com diferentes deficiências. No entanto, ressaltaram a importância da acessibilidade como elemento facilitador que almeje a inclusão visando a adequação do turismo para todos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, conforme ressaltado na introdução, não teve a intenção de formular justificativas ou ainda formatar um modelo ideal de estrutura receptiva inclusiva em fazendas cafeeiras. No entanto, foi responsável por estabelecer concepções iniciais a respeito de seu potencial como valioso atrativo turístico para pessoas com diferentes tipologias de deficiência, principalmente a visual. Para isso, os problemas de pesquisa identificados foram: quais são as principais expectativas e demandas de pessoas com deficiência visual quanto a acessibilidade no contexto do turismo cafeeiro? O objetivo geral da pesquisa foi analisar as experiências, expectativas e opiniões de pessoas com deficiência visual a respeito da oferta turística acessível e acessável em fazendas produtoras de café. O problema de pesquisa foi respondido e o objetivo cumprido atendendo ao recorte selecionado, além de apresentar potencial de aperfeiçoamentos por meio da ampliação do grupo de respondentes, diversificação do perfil de deficiências e utilização de metodologias de maior abrangência e aplicação prática, entre os quais, pode se considerar a pesquisa-ação.

Ao levar em consideração a importância da agricultura e da produção cafeeira no Brasil é perceptível o crescente potencial e interesse nos ambientes rurais como lugares turísticos. Mesmo sendo o principal produtor mundial e um dos maiores consumidores, a atividade turística associada à cafeicultura no país ainda é demasiadamente dispersa e pouco organizada, recebendo maior atenção nos principais centros produtores como São Paulo e Minas Gerais. É significativa a quantidade de cafeicultores com perfil de agricultura familiar apostando na atividade turística como agregador de renda para a família por meio da pluriatividade, sendo necessários estudos mais aprofundados sobre as particularidades do desenvolvimento do turismo de cafés, visando difundir o segmento sem deixar de auxiliar e proteger os produtores neste processo. Além disso, uma vez que corresponde a um segmento em desenvolvimento, existe maior abertura para a estruturação de atividades alternativas ao usualmente oferecido no turismo, sendo relevante considerar a experiência cafeeira como uma proposta atrativa para a atividade turística inclusiva.

Os respondentes destacaram seu interesse na experiência voltada à compreensão da cultura do café, enfatizando a importância do guiamento protagonizado pelos agricultores, uma vez que são os maiores detentores dos saberes relacionados ao café e seu vínculo à identidade, cultura e afetividade. Foi priorizada neste trabalho a premissa de

Sasaki (2007) “nada sobre nós, sem nós”, utilizando a perspectiva das pessoas com deficiência visual colaboradoras da pesquisa como pilares na compreensão do turismo rural focado em cafeicultura como uma atividade potencialmente inclusiva.

Entre os principais resultados encontrados, destaca-se o desejo das pessoas com deficiência visual no usufruto das experiências e aprendizados relacionados ao café, sem demandas específicas de modificações estruturais ou adaptações de equipamentos e mobiliários para uso exclusivo, principalmente pela menor quantidade de barreiras relacionadas ao acesso de espaços, como a natural e a arquitetônica. Sendo assim, em oposição às ofertas formuladas de maneira exclusiva a pessoas com ou sem deficiência, ou respondentes enfatizaram a necessidade da verdadeira inclusão, pautada não apenas na acessibilidade, mas no desenho universal, para a fruição do turismo para todos.

Algumas limitações foram identificadas para esta pesquisa, estando associadas principalmente à captação e engajamento dos respondentes para o enriquecimento das análises, a possibilidade de proposições assertivas e viabilidade de formatação de modelos sobre o contexto definido.

REFERÊNCIAS

AMORIM, A. C. de; GERTNER, S. R. da C. B.; FEMINELLA, A. P.; LOUZEIRO, R. On living in a capacist city/society: pandemic times. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12294>

ANDRADE, L. L.; ALVES, A. M. **A inclusão do surdo na atividade do turismo através do uso de Libras**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Turismo, Fundação Visconde de Cairu, 2011. Disponível em: http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/ARTIGO_LIVIA_turismo.pdf

ANDRADE, H. C. C. de; ALCÂNTARA, V. de C.; ALDANO, A. P. de M.; SANTOS, A. C. dos. Atribuição de sentidos e agregação de valor ao café: insumos para o Turismo Rural em regiões cafeicultoras. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 8, n. 2, 2015. DOI: <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2015.v8.6441>

ANDRADE, H. C. C.; MOSS, M. C. B. A cafeicultura familiar e um possível modelo para o desenvolvimento do turismo do café em Minas Gerais. **Revista Brasileira de Ecoturismo**

(RBEcotur), v. 5, n. 3, p. 512-529, 2012. DOI: <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2012.v5.6112>

ARRUDA, A. C.; MININ, V. P. R.; FERREIRA, M. A. M.; MININ, L. A.; SILVA, N. M. da; SOARES, C. F. Justificativas e motivações do consumo e não consumo de café. **Food Science and Technology**, v. 29, n. 4, p. 754-763, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-20612009000400009>

BARBIER, R. **Escuta sensível na formação de profissionais de saúde**. Conferência na Escola Superior de Ciências da Saúde – FEPECS - SES - GDF. Brasília, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Presses Universitaires de France, França, 1977.

BIANCHI, P.; CAPPELLETTI, G. M.; MAFROLLA, E.; SICA, E.; SISTO, R. Accessible tourism in natural park areas: A social network analysis to discard barriers and provide information for people with disabilities. **Sustainability**, v. 12, n. 23, p. 9915, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3390/su12239915>

BORDA, G. Z.; DUARTE, D. C.; SERPA, A. B. B. Tourism for all: accessibility and social inclusion in Brazil - the case of Socorro (São Paulo State) tourism destination. **Revista Cenário**, Brasília, v.1, n.1, p. 30 – 44, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21289>

BRASIL. **Lei no 13.146**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

CARVALHO, A. N. de. Hospitalidade Sob a Vertente Rural: uma reflexão acerca de sua reconstituição simbólica. **Revista Turismo em Análise**, v. 26, n. 2, p. 308-333, 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v26i2p308-333>

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais** (8a ed.). São Paulo: Cortez, 2006.

CLOQUET, I.; PALOMINO, M.; SHAW, G.; STEPHEN, G.; TAYLOR, T. Disability, social inclusion and the marketing of tourist attractions. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 26, n. 2, p. 221-237, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/09669582.2017.1339710>

DE LA FUENTE-ROBLES, Y. M.; MUÑOZ-DE-DIOS, M. D.; MUDARRA-FERNÁNDEZ, A. B.; RICOY-CANO, A. J. Understanding Stakeholder Attitudes, Needs and Trends in

Accessible Tourism: A Systematic Review of Qualitative Studies. **Sustainability**, v. 12, n. 24, p. 1-23, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3390/su122410507>

DUARTE, D. C.; BORBA, G. Z. Acessibilidade e sustentabilidade: a experiência da hotelaria de Brasília. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 7, n. 3, p. 365-383, 2013. DOI: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v7i3.635>

DUARTE, D. C.; OLIVEIRA G. A. de. Potencialidades para o turismo rural acessível: um levantamento na região da Planaltina - Distrito Federal. **Revista Hospitalidade**, v. 15, n. 1, p. 2–26, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21714/2179-9164.2018v15n1.796>

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GILLOVIC, B; MACINTOSH, A. Accessibility and inclusive tourism development: Current state and future agenda. **Sustainability**, v.12, n. 22, p.1–15, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3390/su12229722>

GIMENES-MINASSE, M. H. S. G. Comfort food: sobre conceitos e principais características. **Contextos da Alimentação – Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade**, v. 4, n. 2, p. 92-102, 2016. Disponível em: http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/wp-content/uploads/2016/03/72_CA_artigo_revisado.pdf

GIRAUD, T.; DI LORETO, I.; TIXIER, M. The making of accessibility to rural place for blind people: The relational design of an interactive map. **DIS 2020 – Proceedings of the 2020 ACM Designing Interactive Systems Conference**, Eindhoven, Netherlands, 2020.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.

GUGLIELMI, R. I. S.; SANTOS, S. R. dos; RODRIGUES, M. A. F.; FREITAS, L. D. S. B. de; ROSSETI, W.; FEITOSA, W. R. Acessibilidade e mobilidade urbana nas principais cidades inteligentes brasileiras. **Qualif Revista Acadêmica – ensino de Ciências e Tecnologias**, n. 9, 2021. Disponível em: https://intranet.cbt.ifsp.edu.br/qualif/volume09/artigo03_ed_09.pdf

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Brasil, 2011.

KASTENHOLZ, E.; EUSÉBIO, C.; FIGUEIREDO, E. Contributions of tourism to social inclusion of persons with disability. **Disability and Society**, v. 30, n. 8, p.1259–1281, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/09687599.2015.1075868>

KLEIDAS, M.; JOLLIFFE, L. Coffee attraction experiences: A narrative study. **Preliminary Communication**, v. 58, n. 1, p. 61-73, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/45228749_Coffee_attraction_experiences_A_narrative_sStudy

LEEWELLYN, V. S.; PALUPI, S. Coffee tourism: from products to attractions. **E-Journal of Tourism**, v. 7, n. 1, p. 88-100, 2020. Disponível em: <https://ojs.unud.ac.id/index.php/eot/article/view/57861>

MATTOSO, V. de A. **Ora, direis, ouvir imagens?** Um olhar sobre o potencial informativo da áudio-descrição aplicada a obras de artes visuais bidimensionais como representação sonora da informação em arte para pessoas com deficiência visual. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2012.

MATTOSO, V. de A. **Gastronomia acessível e acessável:** conhecimento e comensalidade a partir da abordagem e da percepção de pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Acessibilidade Cultural) – Departamento de Terapia Ocupacional – Faculdade de Medicina – Centro de Ciências da Saúde – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MATTOSO, V. A. “No seu lugar” para perceber a acessibilidade comunicacional: relato da experiência de elaboração de uma dinâmica de sensibilização. *In*: SALLES, R. B., PASSOS, A. A.; LAGE, J. G. **Direito, vulnerabilidade e pessoa com deficiência**. Rio de Janeiro: Processo, p. 563-599, 2019.

MERCADO, L. P. Pesquisa qualitativa online utilizando a etnografia virtual. **Revista Teias**, v. 30, n. 13, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24276>

MICHOPOULOU, E. DARCY, S.; AMBROSE, I.; BUHALIS, D. Accessible tourism futures: The world we dream to live in and the opportunities we hope to have. **Journal of Tourism Futures**, v.1, n. 3, p.179–188, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1108/JTF-08-2015-0043>

PANOSSO NETTO, A. P.; ANSARAH, M. G. D. R. **Segmentação do mercado turístico:** estudos, produtos e perspectivas. Barueri, SP: Manole, 2009.

PEIXOTO, N.; NEUMAN, P. Factores de Sucesso e Propostas de Acções para implementar o “Turismo para Todos”. Relevância Económico - social. **Revista Turismo &**

Desenvolvimento, Edição especial: “Turismo Acessível”, v. 147, 2009. DOI: <https://doi.org/10.34624/rtd.v0i11.13501>

PINHEIRO, A. C. T. **Perfil sensorial e repetibilidade de provadores de cafés especiais em Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2019.

RODRIGUES, I. M.; MINASI, S. M.; LOPES, A. I.; SOUZA DA SILVA, L. A hospitalidade de Pelotas/RS pela visão de quem não enxerga e aos passos de quem não caminha. **Revista de Turismo Contemporâneo**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 230–251, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2021v9n2ID23613>

SASSAKI, R. K. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 2. **Revista Nacional de Reabilitação**, v. 58, set./out, p. 20-30, 2007. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/nada-sobre-n%C3%93s-sem-n%C3%93s2.pdf>

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, v. 12, mar./abr., p. 10-16, 2009. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI - Acessibilidade.pdf?1473203319>

SCAA - Specialty Coffee Association of America. **Protocolo para análise sensorial de café**. Metodologia SCAA. Rev. December, 2008.

SCHEYVENS, R.; BIDDULPH, R. Inclusive tourism development. **Tourism Geographies**, v. 20, n. 4, p. 589–609, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/14616688.2017.1381985>

SETIYORINI, H. P. D. Coffee Tourism Development Potential: Benefit and Consequences. **Advances in Social Science, Education and Humanities Research**, v. 259, p. 154–157, 2018. DOI: <https://www.atlantis-press.com/article/125909369>

SOLLA, X. M. S. Turismo rural. Tendências e perspectivas. In: IRVING, M. de A., AZEVEDO, J.; LIMA, M. A. G. (Org.) **Turismo: ressignificando sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Folio Digital Letra e Imagem, 2018.

TARSSANEN, S.; KYLANEN, M. **A Theoretical Model for Producing Experiences – A Touristic Perspective**. Lapland Centre of Expertise for the Experience Industry, Rovaniemi: Lapland University Press, 2007.

TAVARES, B. C.; OLIVEIRA, A. N. de; MINASI, S. M.; PAGNUSSAT, E. C. O panorama do turismo associado à produção de cafés no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, v. 32, n. 3, p. 458-475, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v32i3p458-475>

- TAVARES, B. C. **O protagonismo das comunidades produtoras de café no desenvolvimento turístico do Caparaó Capixaba.** Dissertação (Mestrado em Turismo) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022a. Disponível em: http://www.ppgtur.uff.br/images/documentos/Beatriz_Tavares_Dissertacao.pdf
- TAVARES, B. C. **Turismo de cafés no Caparaó pela perspectiva do potencial turista.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Cultura e Sociobiodiversidade na Gastronomia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Florianópolis, 2022b.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.
- TOMÉ, M. Turismo e Mobilidade Reduzida. **Revista Turismo e Desenvolvimento.** Aveiro-Portugal, v. 21, n. 2, p. 365-376, 2014. DOI: <https://doi.org/10.34624/rtd.v4i21/22.12395>
- TUAN, Y. **Topophilia:** A study of environmental perceptions, attitudes and values. Columbia University Press, 1990.
- TUAN, Y. **Escapismo:** Formas de evasión en el mundo actual. (2a ed., K. Müller, Trad.). Ediciones Península, 2003.
- TUAN, Yi-Fu. Lugar: Uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2018.81.a27150>